

Um retrato da antroponímia judaica no Brasil: o que não revelam dados censitários?

A framework of Jewish anthroponymy in Brazil: what do census data do not reveal?

Juliana Soledade Barbosa Coelho

julisoledade@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3637-3453>

Camila de Azevedo Mendes

Universidade de Brasília, Brasil

camilaamendes1@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-0309-3674>

Resumo: Essa pesquisa se inicia com o objetivo de oferecer uma reflexão acerca de como a imigração judaica em território brasileiro tem sido capaz de permear o sistema antroponímico do português com prenomes dessa tradição. Desse modo, pretendemos observar como a antroponímia ligada à tradição judaica tem se conformado à realidade brasileira, através da observação dos usos de prenomes de origem hebraica em registros no Brasil, com base nos dados fornecidos pelo IBGE, na plataforma Nomes no Brasil. O presente artigo se estrutura da seguinte maneira: 1) em um primeiro momento, realizamos uma breve incursão sobre aspectos sócio-históricos da imigração judaica para o Brasil, a fim de que seja possível entender o contexto em que os prenomes dessa tradição vão sendo inseridos na comunidade brasileira; 2) a seguir, destacamos os aspectos metodológicos de como os dados foram levantados e analisados; 3) oferecemos, então, uma observação mais detida dos dados, considerando os prenomes em uso no Brasil, cujo étimo remonta ao hebraico, observando aqueles que se filiam exclusivamente à tradição judaica e aqueles que fazem parte do arcabouço judaico-cristão; 4) por fim, tecemos breves considerações finais que comportam destaques de aspectos do estudo empreendido.

Palavras Chave: antroponímia, imigração judaica, História, dados censitários

Abstract: This research begins with the objective of offering a reflection on how Jewish immigration in Brazilian territory has been able to permeate the anthroponymic system of Portuguese with first names of his tradition. In this way, we intend to observe how the anthroponymy linked to the Jewish tradition has been conformed to the Brazilian reality, through the observation of the use of forenames of Hebrew origin in registers in Brazil, based on data provided by the IBGE, on the Nomes no Brasil platform. The present article is structured as follows: 1) at first, we carry out a brief foray into socio-historical aspects of Jewish immigration to Brazil, so that it is possible to understand the context in which the first names of this tradition are inserted in the Brazilian community; 2) next, we highlight the methodological aspects of how the data were collected and analyzed; 3) we offer, then, a more detailed observation of the data, considering the forenames in use in Brazil, whose etymology goes back to Hebrew, observing those that are exclusively affiliated to the Jewish tradition and those that are part of the Judeo-Christian framework; 4) finally, we make brief final considerations that include highlights of aspects of the study undertaken.

Key words: anthroponymy, Jewish immigration, History, census data

Introdução

Essa pesquisa se inicia com o objetivo de oferecer uma reflexão acerca da imigração judaica em território brasileiro e a suposição de que o conjunto de prenomes em uso poderia ser afetado por esse movimento migratório. Assim, questionamos se seria possível, a partir de dados censitário, diferenciar os prenomes de origem hebraica quando relacionados à tradição judaico-cristã herdada da colonização daqueles prenomes, também de origem hebraica, mas que teriam relação direta com a população de imigrantes judeus no Brasil; podendo, desse modo, alcançar, ainda que de forma preliminar, a contribuição dos nomes de origem hebraica para o cenário antroponímico brasileiro.

Mapear a imigração judaica no Brasil, segundo Decol (2001), é um trabalho ainda a ser construído, isso porque, diferente de outros grupos migrantes, como japoneses, italianos e poloneses, os judeus que se deslocaram para o Brasil partiram de diferentes países, sobretudo, da Europa, ainda que se possa falar de uma migração vinda do Oriente Médio, principalmente após a criação do Estado de Israel.

Desse modo, inquirir os reflexos da antroponímia judaica no Brasil é ainda bastante desafiador, não só porque a presença desses prenomes envolve fatores de natureza sócio-histórica, mas também porque implica em aspectos da filiação cultural dos indivíduos a sua tradição em oposição a uma opção pela integração à sociedade brasileira através do uso de prenomes mais conformados a uma brasilidade.

Em pesquisa acerca da antroponímia de origem alemã remanescente em comunidade de imigrantes em Curitiba, Mercer e Nadalin (2008) vão refletir sobre como a escolha por registrar ou não os descendentes com um nome da tradição de origem é uma questão que perpassa uma opção identitária. Os autores afirmam que “A escolha de um prenome do estoque usual exprime a adesão ao grupo; é um ato de pertencimento. Já a escolha de ignorar o acervo tradicional

poderá significar afastamento em relação à comunidade de origem e busca de uma nova identidade social.” (Mercer e Nadalin: 12)

Como explicitam Seide e Amaral (2020: 223) acerca de descendentes nipo-brasileiros e lituanos no Brasil, é factível que haja adaptação aos prenomes e às práticas nomeadoras no contexto migratório, sobretudo em face do fenômeno de casamentos mistos (membros da comunidade migrantes com membros da comunidade nativa). Como acontece com outras comunidades de imigrantes, os casamentos exogâmicos, ou seja, entre indivíduos judeus e não-judeus, têm atuado de forma a intensificar essa dualidade entre a comunidade judaica no Brasil. Os casamentos mistos, segundo Sorj (2008), já se estabeleceram como um padrão matrimonial dos judeus, esse fenômeno, para além de poder indicar uma indiferença em relação à pauta identitária, também pode ser entendido como uma proteção contra o antissemitismo, favorecendo a aceitação da comunidade, majoritariamente cristã, no caso brasileiro.

Do ponto de vista da antroponímia, temos aí duas questões que se apresentam de forma a tensionar o processo de escolha acerca da opção por um nome da tradição judaica. Em primeiro lugar, temos, em geral, um casamento misto, portanto, duas ou mais tradições em jogo, o que sugere um conjunto mais complexo de fatores para a escolha do nome: como o grau de identificação dos sujeitos com a cultura de origem; o papel de cada um dos sujeitos dentro da relação, sendo este ou aquele mais impositivo; a conscientização ou falta dela acerca de como os prenomes podem exprimir, preservar e enaltecer uma dada tradição; entre outros. Em segundo lugar, temos a questão do antissemitismo que acompanha a história dos povos judeus ao longo dos séculos. A escolha de um prenome totalmente identificado à tradição judaica pode ser um fator que coloque o sujeito receptor do nome em situações de opressão e preconceito.

Levando em considerações todos esses aspectos, esse estudo pretende observar como a antroponímia ligada à tradição judaica tem se conformado à realidade brasileira, através da

observação dos usos de prenomes de origem hebraica em registros no Brasil, com base nos dados fornecidos pelo IBGE, na plataforma Nomes no Brasil¹.

O presente artigo se estrutura de seguinte maneira: 1) em um primeiro momento, realizamos uma breve incursão sobre aspectos sócio-históricos da imigração judaica para o Brasil, a fim de que seja possível entender o contexto em que os prenomes dessa tradição² vão sendo inseridos na comunidade brasileira; 2) a seguir, destacamos os aspectos metodológicos de como os dados foram levantados e analisados; 3) oferecemos, então, uma observação mais detida dos dados, considerando os prenomes em uso no Brasil, cujo étimo remonta ao hebraico, observando aqueles que se filiam exclusivamente à tradição judaica e aqueles que fazem parte do arcabouço judaico-cristão; 4) por fim, tecemos breves considerações finais que comportam destaques de aspectos do estudo empreendido.

É importante destacar que não é tarefa fácil afirmar com algum grau de precisão o que se configura um prenome ligado à tradição judaica e quais prenomes já se incorporaram à língua via tradição cristã (judaico-cristã). Desse modo, optamos por fazer uma pesquisa com falantes da língua portuguesa a fim de verificar que percepção têm acerca desses prenomes e quais identificam como de feição judaica. Utilizamos essa metodologia, que será melhor apresentada adiante, para estabelecer parâmetros que pudessem subsidiar a análise dos dados.

1 Judeus no Brasil: um resumo histórico

Segundo registros históricos, a presença judaica no Brasil remonta ao período colonial, uma vez que, a partir de fins do século XV, muitos judeus, sefarditas³, foram banidos da

¹ Os dados oferecidos pelo IBGE, a partir do Censo de 2010, estão disponíveis na plataforma *Nomes no Brasil* cujo conteúdo traz informação acerca dos mais de 130 mil prenomes que encontram registro no país. <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>

² Prenomes de origem hebraica foram incorporados à antroponímia da língua portuguesa muito antes do processo de colonização do Brasil, assim, quando nos referimos aos prenomes herdados do processo colonizador utilizamos o termo luso-judaico-cristãos.

³ Os sefarditas provavelmente se estabeleceram na Península Ibérica (PI) durante a era das navegações fenícias (cerca 1300-700 a.C.). porém a sua presença na PI só pode ser atestada a partir da instalação do Império Romano nesse território no século III a.C.. Os sefarditas sobreviveram à romanização, à cristianização, à invasão visigótica e à dominação moura, mas começaram a sucumbir na fase final da Reconquista, diante do domínio que a Igreja Católica exercia sobre os reis ibéricos. Os judeus de Sefarad possuíam tradições, línguas, hábitos e ritos diferenciados dos seus irmãos asquenazes que habitavam a Europa Central e o Leste Europeu.

Península Ibérica e convertidos em cristãos-novos. Uma parcela dessa comunidade teve como destino o território brasileiro, sendo, portanto, desde a sua origem enquanto nação, partícipes importantes na formação da população. Contudo, esses primeiros judeus migrantes não puderam integrar a sociedade brasileira como judeus propriamente ditos, ou seja, suas identidades e tradições religiosas, culturais e históricas foram, em grande medida, ocultadas e, muitas vezes, suprimidas.

Segundo Decol (2001), é apenas na primeira metade do século XIX que a comunidade judaica se fará presente no Brasil, assumidamente como tal. Isso se torna possível através da legitimação da prática de liberdade religiosa que foi instituída no Brasil pela Constituição de 1824. Todavia, não há nesse período um movimento migratório massivo em que se possa destacar a comunidade judaica.

De acordo com Moya (1998) somente na segunda metade do século XIX é que se pode tratar a imigração judaica como fenômeno de massa, isso decorre, segundo o autor, do desenvolvimento da navegação a vapor e do estabelecimento de linhas comerciais entre a Europa e o Brasil, permitindo o incremento no fluxo migratório advindo, sobretudo, da Europa central.

Contudo, a nossa busca por informações acerca da imigração judaica no Brasil aponta para um grande fluxo de estudos de historiadores que se concentram em dados do século XX, em especial nos períodos envolvendo a primeira e segunda guerra mundiais, épocas críticas para os judeus devido à explosão do antissemitismo, fazendo, do território europeu, um lugar inóspito para se manifestar e se declarar como judeu. Desse modo, podemos considerar que a presença judaica no Brasil se fará sentir de forma mais contundente apenas a partir das primeiras décadas do século passado.

Mas o movimento ganharia volume significativo apenas na segunda metade da década de 1920, quando Estados Unidos e Argentina introduziram restrições à entrada de determinados grupos. O Brasil, que desde fins do século XIX se estabelecera como

um importante destino da migração internacional, tornou-se uma alternativa natural. Sucessivamente, judeus provenientes do Império Russo, dos Bálcãs e da Europa Central passaram a chegar em números crescentes: calcula-se que, entre 1920 e o início da Segunda Guerra Mundial, mais de 50 mil judeus tenham aqui aportado. (Decol, 2001: 152)

Desde as últimas décadas do século XIX, o Brasil começou a atrair alguns milhões de imigrantes europeus, vindos, maiormente, da Itália, Alemanha, Portugal, Espanha e Polônia. Esses movimentos migratórios remontam, principalmente, ao período que vai de 1870 a 1930, quando imigrantes de além-mar chegaram ao Brasil, incentivados pelo Estado, com o objetivo de promover uma colonização agrícola, bem como a defesa e o povoamento de territórios no interior do país, além, é claro, com a intenção de promover o embranquecimento da população, a partir das teses eugenistas que tiveram lugar na segunda metade do século XIX.

Estima-se, com Patarra e Fernandes (2011: 69), que cerca de 40 milhões de pessoas tenham migrado do Velho Mundo para o Novo Mundo entre fins do século XIX e início do XX. No Brasil, os números segundo dados do IBGE (2010) são os seguintes:

Quadro 1 - Entrada de imigrantes no Brasil (1884-1945)

período	nº de imigrantes
1884-1888	277.950
1889-1900	1.301.281
1901-1910	671.351
1911-1920	797.744
1921-1930	840.215
1931-1940	288.607
1941-1945	18.430
total	4.195.578

Fonte: IBGE - Anuário Estatístico do Brasil, 1951 *apud* (Sakurai, 2000:17)

A maior parte desta imigração tinha como destino ambientes rurais e o fluxo, em geral, era para o interior de SP e do sul do país. Alvim (1998) calcula que 70% da imigração italiana tenha tido tanto uma origem quanto um destino rural; já Klein (1989) acredita que cerca de metade da imigração portuguesa tenha se dirigindo para destinos rurais, com a outra metade se instalando nas grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Considerando esse movimento, a imigração portuguesa é tida como a mais urbana de todas as migrações

“clássicas” (Klein, 1989). Em relação à migração judaica esse aspecto é relativamente importante, uma vez que os judeus provenientes da Europa eram majoritariamente urbanos e que também preferiram esses destinos no solo brasileiro (Engelman, 1961).

Como se sabe, os judeus se urbanizaram mais cedo do que a maioria dos grupos populacionais do antigo continente (Engelman, 1961). Os registros acerca das comunidades judaicas na antiguidade já dão conta de que elas se organizavam em núcleos urbanos, onde poderiam desenvolver como maior facilidade relações comerciais, que são tidas como vocacionais e quase endêmicas entre as comunidades judaicas pelo mundo. De toda maneira, podemos afirmar, com Decol (2001) que os judeus estiveram quase sempre, e em grande maioria, no ambiente mais urbano possível em cada tempo e local histórico onde se fizeram presentes.

A partir do segundo quartel do século XX (após 1920), quando um número mais significativo de judeus começou a chegar aqui, o Brasil iniciava a sua transição de uma nação exclusivamente rural e escravista para uma nação cada vez mais urbana, industrializada e proletariada. Assim, os judeus que aqui aportavam, em sua grande maioria, se direcionavam para grandes centros urbanos, em especial para São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, mantendo-se, assim, a vocação urbana acentuada que essa comunidade fomentou ao longo de sua história.

Para Blay (2009), os imigrantes que chegavam ao Brasil, na primeira metade do século XX, necessitavam da ajuda da comunidade para sobreviver. De acordo com a autora, quando um imigrante, de qualquer origem, chega a um novo território desprovido de posses e/ou de apoio governamental, suas primeiras necessidades são, quase certamente, encontrar uma forma de sustento e um lugar para morar.

O cenário não foi diferente para os judeus que migraram para o Brasil. Ao desembarcarem no porto de Santos ou do Rio de Janeiro, eles poderiam obter colaboração de

um funcionário que buscasse a ajuda de algum judeu que fosse morador já estabelecido na comunidade, a fim de que pudesse auxiliar na comunicação e também nos encaminhamentos necessários para o recém-chegado. Com o avanço do contingente populacional de judeus nos centros urbanos, segundo Blay (2009), membros da comunidade judaica passaram a se organizar para receber os novos integrantes, esperando-os nos portos, auxiliando-os na documentação necessária e no transporte de trem para São Paulo (no caso daqueles que aportavam em Santos).

Uma vez estabelecidas no Brasil, as comunidades judaicas e os judeus, em geral, começaram a se destacar no tecido social, isso porque acabavam por se concentrar em bairros centrais nos quais vinha a predominar com uma atuação no comércio e nos pequenos empreendimentos domésticos. Para Decol (2001: 154) “Devido às suas diferenças, incluindo sua concentração residencial nos bairros centrais das cidades onde se fixaram, judeus eram mais “visíveis” do que outros grupos de imigrantes.”

Ao seu turno, o Brasil nasceu e se constituiu como uma nação católica, tendo a Igreja um papel central na regulação da vida social; monopolizando, por exemplo, todos os registros civis até fins do século XIX (1889), quando o Estado assumiu essa incumbência através da implementação dos Cartório de Registro Civil. Ainda hoje, a maioria dos brasileiros se declara católica (65%, segundo os dados do censo 2010, feito pelo IBGE).

Assim é de se supor que a inserção dos judeus à sociedade brasileira tenha se dado de forma a marginalizá-los, minoritarizá-los e estigmatizá-los. No período que antecede a Segunda Guerra Mundial, com a com a ascensão do Estado Novo, (Lesser, 1995), começa a tomar corpo a versão brasileira da *questão judaica*: um suposto fantasma que assola todas os imigrantes judeus mundo a fora e que se manifesta na ideia de que é preciso impedir a proliferação dessa comunidade, pois de alguma forma eles representam uma ameaça ao sistema vigente (seja político, religioso ou cultural).

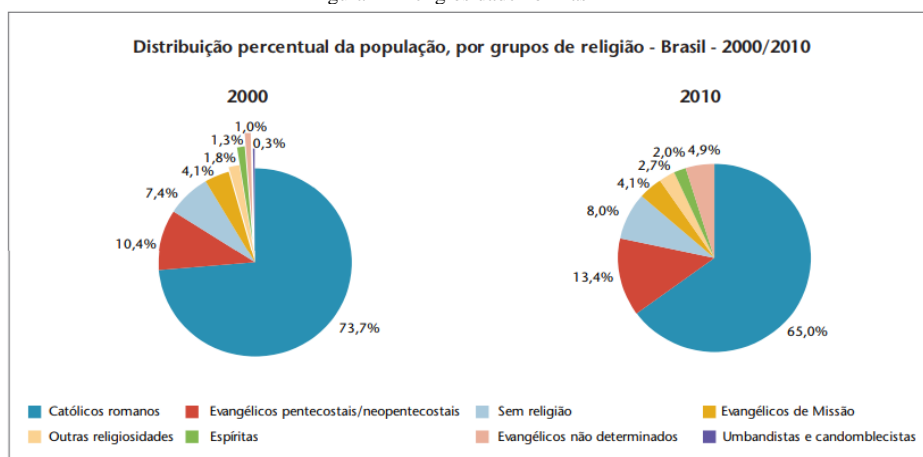
É, pois, no cenário da Segunda Grande Guerra, através da difusão da propaganda nazista, que esse debate se tornará mais presente entre a população brasileira, sobretudo porque essa discussão também envolvia uma questão política partidarista, uma vez que Getúlio Vargas, então presidente, demonstrava pouco ou nenhum apreço por judeus e comunistas, e muitos membros da comunidade judaica no Brasil também eram membros do partido comunista.

Assim, na primeira metade do século XX, a elite católica que dominava o estado brasileiro começaria a alardear a suposta ameaça, já que população judaica estaria crescendo rápido demais. Essa propaganda, disseminada através das mídias, jornais impressos e rádios, que controlava, acabou levando a sociedade a um debate público acerca da conveniência, ou não, da presença de judeus no Brasil. A rigor, o tamanho exato da comunidade judaica não era conhecido nesta época, isso porque informações estatísticas confiáveis sobre a presença judaica no Brasil só viriam a ser conhecidos em 1943, através da divulgação dos dados do censo de 1940.

Em 1940, havia 55.563 judeus no Brasil, esse número avançou para 96.199, segundo dados do censo de 1960. Em algum momento posterior à década de 1960, a taxa de natalidade da comunidade judaica tornou-se negativa e a quantidade de judeus no Brasil foi reduzida a 86.417 pessoas, segundo dados do IBGE de 1991. Ao que parece, essa redução se deve a pelo menos dois fatores relevantes: 1) o expressivo declínio da imigração que se verificou a partir da década de 1960 e 2) a crescente taxa de assimilação por casamentos mistos e secularização. Apesar disso, a população judaica teve um pequeno crescimento no século XXI.

Quando perguntados acerca de prática religiosa, os dados do censo brasileiro de 2010 registrou que 107.329 pessoas se declararam como adeptos do judaísmo no país, contudo, esse número, em termos de expressão de uma prática religiosa, sequer aparece destacado nos dados do IBGE:

Figura 1 - Religiosidade no Brasil



Fonte: Censo demográfico 2010, IBGE

Todavia, muito além de ser identificado como um grupo religioso, os judeus podem ser entendidos como um grupo étnico. Segundo Sorj (2008: 59) “Cultivar ligações com o judaísmo significa, na atualidade, consumir um ou outro produto cultural de um vasto cardápio de bens simbólicos.” Para além das sinagogas, os museus, a comida, a música, os filmes, os centros culturais, o ídiche, o hebraico e, até mesmo, o antissemitismo são signos que demarcam o espaço étnico.

Para Grim (1993), podemos perceber que a história dos judeus é perpassada por uma crença generalizada de que essa comunidade possui uma vocação milenar para a vida gregária e que tal vocação, como um atributo inexorável e permanente, seria pouco permeável às influências de outras culturas. Segundo a autora, contudo, essa crença encontra pouca correspondência no mundo empírico, pelo olhar das relações sócio-históricas na modernidade, pois “A percepção corrente de que os mesmos princípios étnicos e comunitários são visíveis em toda e qualquer comunidade judaica na diáspora merece análise cuidadosa, no sentido de redimensionar caracterização tão naturalista” (Grim, 1993: 2).

Tais crenças já não encontram lastro na realidade, pois a etnicidade judaica vem experimentando um movimento de reelaboração de identidade, não só no Brasil, mas em todas as nações para as quais migraram. Ainda com Grim (1993), é possível entender que a etnicidade

judaica passa a ser engendrada na própria dinâmica interativa com outras culturas, isso quer dizer que: “as diferentes maneiras pelas quais ela se manifesta são também respostas aos estímulos de circunstâncias particulares e cambiantes” (Grim, 1993: 2).

Na modernidade, a trajetória histórica desses grupos deu origem a estruturas comunitárias bastante heterogêneas, resultado da interação com diferentes culturas as mais diversas, incluindo nesse caso a pluralidade da população brasileira. Isso significa dizer que a comunidade judaica de Porto Alegre certamente terá um tipo de interação com a cultura local diferente do que experiencia a comunidade judaica do Rio de Janeiro, por exemplo.

Assim, para buscar entender como se dá essa relação, isto é, se a inserção da comunidade judaica no Brasil resulta em assimilação ou em diferenciação pela manutenção das práticas e valores tradicionais, a antroponímia poderá ser um forte aliado.

É fácil entendermos que a preservação da cultura também passa pela denominação dos indivíduos, em especial, quando se trata de prenomes, objeto antroponímico mais sujeito à livre escolha dos falantes, diferentemente dos sobrenomes. No entanto, essa livre escolha está submetida a um complexo jogo de tensões e pressões sociais, que advém de esferas variadas, seja do Estado, seja da religião, seja do grupo de pertencimento ou seja da comunidade de fala. Geralmente, tudo isso junto e misturado. Assim, retomando as reflexões Mercer e Nadalin (2008), entendemos que escolha de um antropônimo não é desmotivada e que, pelo contrário, tem íntima relação com as feições e valores de uma dada cultura. Muitos dos registros de um povo, bem como sua cultura, sua organização social e suas crenças podem ser observadas na escolha dos nomes próprios, e o olhar sobre o uso de prenomes da tradição judaica no Brasil, empreendido por esse estudo, tem, portanto, esse objetivo.

2 Metodologia

Para alcançar os prenomes (também entendido como: primeiro nome, nome individual, *first name*) da tradição judaica, optamos inicialmente por fazer um recorte etimológico,

selecionando, portanto, os prenomes de origem hebraica, língua na qual teriam, principalmente, surgido os nomes judeus.

O objetivo de ter um corpus cujo étimo aponta para uma origem hebraica é de examinar se estes prenomes estão em uso no Brasil, considerando as influências das comunidades judaicas na cultura brasileira e como isto se reflete na utilização de nomes próprios herdados do judaísmo, no cenário onomástico pessoal brasileiro.

Os prenomes que compõem o corpus utilizado neste estudo foram coletados no site *Behind the Name*⁴, considerando que possui uma vasta base de dados. O site também foi selecionado, pois é possível realizar buscas por meio da seleção da língua de origem e, ainda verificar a árvore genealógica e variação de cada nome em diversas línguas do mundo. Os prenomes, uma vez levantados, foram ainda consultados no *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado (1986) para confirmar a sua origem etimológica.

Após o levantamento destes prenomes, buscamos utilizar a plataforma do IBGE *Nomes do Brasil*⁵, na qual é possível verificar a sua difusão no Brasil para, assim, estabelecer a relação com as hipóteses acerca dos fatores que poderiam vir a interferir na difusão desses nomes.

Com base no censo de 2010, esses dados do IBGE refletem, basicamente, a Antroponímia do século XX, uma vez que recorta as décadas de 1930 em diante, deixando margem para incluir pessoas com 90 anos ou mais, através de uma inferência para dados que são datados genericamente como de antes de 1930. Sob esse aspecto, essas informações coadunam com a época em que a presença da migração judaica no Brasil se tornará mais visível.

O levantamento no site *Behind the Name* deu origem a uma tabela com um total de 600 prenomes, dentre os quais apenas 224 aparecem em registros no Brasil (IBGE). Desses 224, selecionamos para estudo alguns prenomes que estão registrados como de origem hebraica no

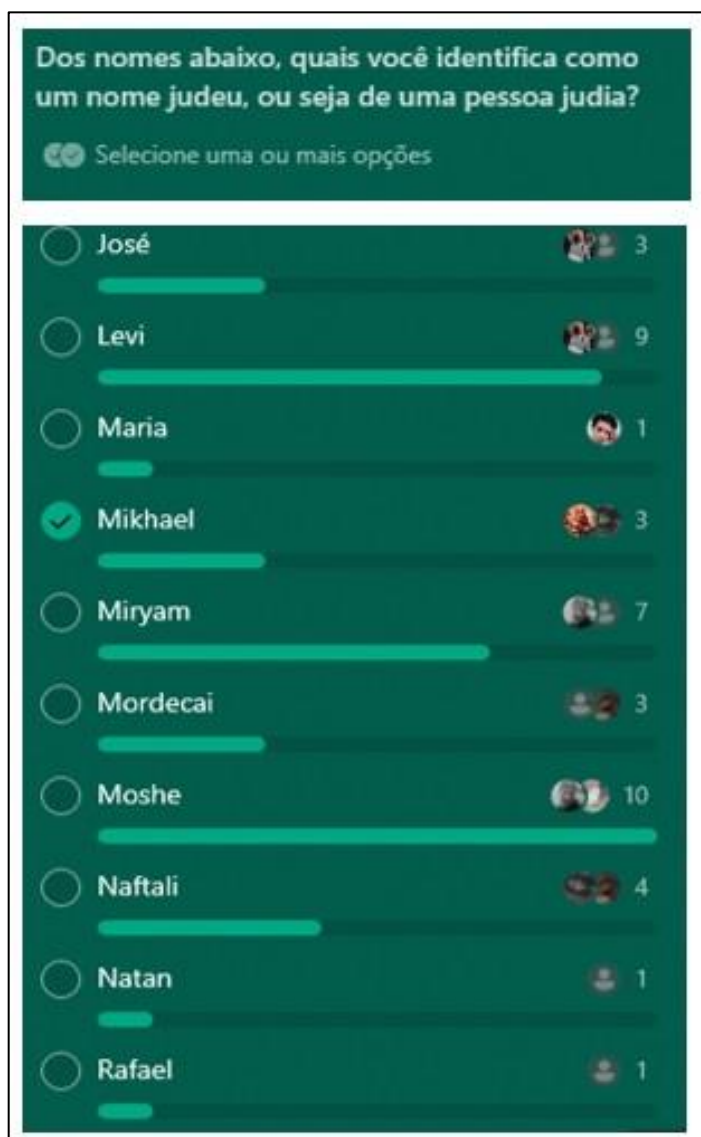
⁴ <https://www.behindthename.com/names/usage/hebrew>

⁵ <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>

Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado (1986), o que nos ofereceu um total de 47 prenomes (aos quais se somam algumas variantes gráficas).

Para além do fato desses prenomes terem sido localizados a partir, por um lado, de sua identificação com a tradição judaica e, por outro, de sua origem na língua hebraica, buscamos verificar com falantes da língua portuguesa se consideravam que esses prenomes eram por eles identificados como judaicos. Para tanto, a pergunta: “Dos nomes abaixo, quais você identifica como um nome judeu? Ou seja de uma pessoa judia?” foi disponibilizada com enquetes em dois grupos de WhatsApp, em que os informantes podiam marcar mais de uma opção, conforme a imagem abaixo:

Figura 1 – Exemplo das enquetes feitas via WhatsApp



Elaborado pelas autoras

Ambos os grupos de WhatsApp foram compostos por estudantes do curso de Letras da Universidade Federal da Bahia; no primeiro grupo conseguimos a colaboração de 37 informantes e no segundo de apenas 10 informantes.

Com base nessas respostas dadas entre os dias 28 e 29 de agosto de 2023, decidimos estabelecer um recorte metodológico em que atribuímos uma feição judaica a prenomes que tenham sido apontados como tal por 50% ou mais dos informantes, sendo, portanto, considerados de feição judaico-cristã aqueles que tenham sido identificados como judaicos por 49,9% ou menos do total de informantes⁶. Dessa pesquisa obteve-se o seguinte resultado:

⁶ A intenção inicial da pesquisa era fazer a pergunta a pessoas identificadas com a comunidade judaica de um lado e pessoas identificadas com a comunidade católica de outro. Contudo, não foi possível ainda realizar esse levantamento de informação, que será feita mais adiante no aprofundamento da pesquisa.

Tabela 1 – A feição judaica dos prenomes segundo avaliação de informantes

Nome	Grupo 01	Total em porcentagem
Aaron / Aharon	27/47	57.4%
Abraham/ Avraham	44/47	93.6%
Amós	38/47	80.8%
Ana	05/47	10.6%
Asaf	37/47	78.7%
Avner	38/47	80.8%
Daniel	10/47	21.2%
Davi/ David	20/47	42.5%
Devora	30/47	63.8%
Efraim/ Ephraim	47/47	100%
Eliezer	28/47	59.5%
Ester/ Esther	10/47	21.2%
Ezra	29/47	61.7%
Gavriel	28/47	59.5%
Gideon	30/47	63.8%
Hadassa/Hadasa/ Hadassah	29/47	61.7%
Hannah	35/47	74.4%
Iosef	47/47	100%
Isaac	47/47	100%
Israel	20/47	42.5%
Jacob	28/47	59.5%
Jesus	03/47	6.3%
João	01/47	2.1%
Jonas	17/47	36.1%
José	03/47	6.3%
Levi	27/47	57.4%
Maria	03/47	6.3%
Mikhael	40/47	85.1%
Miryam	32/47	68%
Mordecai	29/47	61.7%
Moshe	45/47	95.7%
Naftali	40/47	85.1%
Natan / Nathan	28/47	59.5%
Rafael	07/47	14.8%
Raquel /Rachel	10/47	21.2%
Reuben	31/47	65.9%
Rute / Ruth	16/47	34%
Samuel	20/47	42.5%
Sara/ Sarah	15/47	31.9%
Saul	35/47	74.4%
Shalom	45/47	95.7%
Shlomo	46/47	97.8%
Uriel	28/47	59.5%
Yael	29/47	61.7%
Yeshua	44/47	93.6%
Yoham	47/47	100%
Yonatan	30/47	63.8%

Elaborado pelas autoras

Nessa tabela, demarcamos com sombreado aqueles prenomes que obtiveram respostas positivas por menos de 50% dos informantes, de modo que dois conjuntos de dados foram constituídos, o primeiro com 20 prenomes de feição judaico-cristã e o segundo com 27

prenomes cuja feição aponta de forma mais evidente para uma vinculação à comunidade judaica. É, desse modo, acerca desses dados que teceremos as considerações a seguir.

3 Encontros e desencontros entre a tradição cristã e a tradição judaica na antroponímia brasileira

O estudo dos prenomes ligados à tradição judaica em uso no Brasil coloca a priori a questão de como diferenciar os nomes judaicos daqueles que estão inseridos em uma arcabouço luso-judaico-cristão como denomina Soledade (2020). Ao estudar dados da antroponímia em uso no Brasil em dados datados do século XVII até fins do século XIX e início do XX, a autora irá afirmar que a onomástica personativa vigente era essencial e fortemente filiada à tradição luso-judaico-cristã e que havia pouquíssimo espaço para algo fora desse cenário no rol dos prenomes em uso pela comunidade linguística em solo brasileiro. Excetuam-se, nesse caso, os prenomes da imigração.

O termo luso-judaico-cristã vem dar conta das camadas que compõem o léxico antroponímico que o Brasil herdará da colonização portuguesa, assim, estamos entendendo que para existir um léxico identificado como cristão houve a incorporação de prenomes da tradição judaica, base a partir da qual a cristianidade se ergue. Por sua vez, para existir uma antroponímia lusitana é preciso entender o papel, não só dos contatos linguísticos na formação da língua portuguesa, mas também, e fundamentalmente, a grau de abrangência e do poder de influência do catolicismo na formação da identidade nacional dos patricios.

Assim, quando objetivamos identificar a influência judaica na denominação dos brasileiros, vamos esbarrar inexoravelmente nessa interrelação, em que não é factível estabelecer uma separação precisa entre nomes que se vinculam exclusivamente a uma tradição judaica e aqueles que são adotados entre adeptos do catolicismo. Desse modo, buscamos primeiramente olhar para os prenomes que são notadamente compartilhados pelas duas

comunidades (cristãs e judaicas), para num segundo momento analisarmos prenomes nitidamente identificados como nomes judeus.

os prenomes compartilhados pelas duas tradições, a judaica e a cristã, passam quase exclusivamente por aqueles que designam personagens (e/ou lugares) que figuram em textos bíblicos, sobretudo, os do antigo testamento⁷. De um mesmo prenome hebraico, comumente, originam-se dois ou mais prenomes que se filiam a uma ou a outra tradição e, por vezes, às duas simultaneamente.

Desse conjunto de nomes ligados à Bíblia, alguns se destacam: *Jesus x Yeshua*, *Maria x Maryam* ou *Miryam*, *José x Yusef*, *Ana x Hanna ou Hannah* e *João x Yohan*. Excetuando-se *Jesus*, todos os prenomes de feição cristã possuem um nível de inserção profunda e generalizada no cenário onomástico brasileiro, e justamente por isso, achamos por bem começar por eles.

Maria é o primeiro prenome em termos de frequência de uso no Brasil, com mais 11 milhões de registros (11.734.129)⁸. Esse prenome tem origem no hebraico *Maryam* ou *Miryam*, sendo *Maria* a forma dada pelos gregos e também adotada pelos autores/tradutores latinos. A difusão de *Maria* no Brasil está claramente ligada à religiosidade, pois mesmo católicos não praticantes vêm nesse nome uma forma de vinculação a uma figura feminina que lhes remete a algo divino e sagrado, bem como relacionam o nome à figura da mulher, esposa e mãe dentro da cena familiar tradicional. Por sua vez, as formas mais próximas à etimológica (cf. Fontes (1950) e Machado (1986)): *Maryam* e *Miryam*) não terão o mesmo alcance, como se pode ver: *Mariam* (412), *Maryam* (37), *Maryan* (233). Por sua vez, as variantes do prenome *Miriam* (71.032), *Mirian* (126.703), *Miriã* (12.262) já estão bem difundidas no Brasil e isso se deve,

⁷ A Septuaginta, considerada como a Torá greco-helenística, é uma tradução do hebraico para o grego do Pentateuco e de todos os textos disponíveis em hebraico. A partir dessa obra de tradução se dará o surgimento de múltiplos processos exegéticos (leituras) específicos e sucessivos, tanto dentro do judaísmo antigo e helenista quanto do cristianismo antigo.

⁸ Os números entre parêntesis apontam o total de registros no Brasil segundo o IBGE.

talvez, ao fato de que este nome aparece na versão católica da Bíblia, como o nome da irmã de Moisés.

O segundo prenome mais usado no Brasil é justamente *José*, que também se insere nessa cena tanto como representante de uma figura envolta no sagrado e como relacionado aos papéis de homem, marido e pai em uma idealização do que seja família. Esse prenome tem quase seis milhões de registros (5.754.529), praticamente a metade das ocorrências de *Maria*. Machado (1986) aponta como sendo do hebraico *Iosef*, pelo grego *Ioseph*, este pelo latim *Joseph* e posteriormente pelo francês ant. *José*. Já Fontes (1950, p. 16) indica uma relação com o teóforo hebraico *Yosef-’El* ‘Deus acrescentou’⁹. Segundo os dados levantados, as formas que irão perdurar no Brasil ligadas à tradição judaica serão *Yusef* (49) *Yosef* (68), como um número bastante diminuto de registros.

É de *Ana* o terceiro lugar entre os prenomes mais usados no Brasil. São mais de 3 milhões de registros (3.089.858). Segundo Machado, o prenome vem do hebraico *Hannah* ‘graça, graciosa’, pelo grego *Anna*, e este pelo latim *Anna*. A forma etimológica *Hannah* tem 2.442 registros no Brasil, todos datados após a década de 1980, o que talvez aponte para uma outra motivação de difusão que não necessariamente sua filiação à tradição judaica. Uma hipótese é de que essa popularidade, nesse período, se deva ao sucesso da artista de cinema norte-americana *Daryl Hannah*. Por sua vez, as formas *Hanna* (7.033) e *Hana* (2.923) têm seus registros datados desde antes de 1930, muito embora o uso de ambas as variantes seja também acentuado após 1980.

Com quase três milhões de registros (2.984.119), *João* é o quarto nome mais usual no Brasil. Machado (1986) vai indicar que teria se originado no hebraico *Iohanan*, deste ao grego

⁹ É importante destacar um apontamento feito pelo Padre Vogt (*apud* Fontes, p. 17) de que no antigo testamento muitas vezes são oferecidas explicações e interpretações para os nomes próprios, contudo, esses sentidos não se tratam de etimologias no sentido estrito do termo, mas sim significados que se pretendem que sejam evocados pelos nomes, segundo o contexto da narrativa.

Ioánes ou *Ioáñnes*, pelo latim *Jo(h)anne*-. Este nome teria sua popularidade ligada à figura bíblica de João Batista (São João Batista, na tradição católica). Embora as formas que se aproximam do étimo apareçam em registros brasileiros, o baixo número e a datação da década dos primeiros registros (1980 em diante) apontam um grande questionamento: houve nesse período algum incremento no número de judeus no Brasil? Ou teria havido um incremento no sentimento de filiação identitária dessa comunidade? Ou estariam as variantes: *Yoham* (39) *Yohan* (935) *Yohann* (190) relacionadas à popularidade de algum artista ou personagem? Mais pesquisas precisam ser feitas para responder a essas questões.

Acerca dos quatro prenomes vinculados ao cristianismo: *Ana*, *João*, *José* e *Maria*, há que se considerar um fator que retroalimenta a sua popularidade: o fato de que se associam com frequência a outros nomes, formando prenomes compostos por coordenação (por exemplo: *Ana Carolina*, *Ana Luíza*, *Ana Maria*, *Ana Paula*; *João Antônio*, *João Marcos*, *João Paulo*, *João Pedro*; *José Antônio*, *José Carlos*, *José Maria*, *José Pedro*; *Maria Aparecida*, *Maria Clara*, *Maria Luíza*, *Maria Tereza*, entre muitos outros).

A este respeito, fundamental mencionar sobre a metodologia de coleta de dados do IBGE, conforme esclarecem Amaral e Seide:

Se o censor do IBGE entrevistasse essa família, o IBGE registraria o nome João e o nome João Paulo. Nos casos de homonímia na família, o segundo prenome foi considerado, porém contabilizado como prenome único nas estatísticas. Por outro lado, quando, na família, há apenas uma pessoa chamada João Paulo, o IBGE registra apenas o nome João. (Amaral e Seide, 2020: 76)

Dessa forma, embora sejam altamente frequentes no Brasil, não é possível acessar dados estatísticos de registros nos nomes compostos com *Maria*, *Ana*, *João* e *José*.

É importante ainda falar do caso dos prenomes *Jesus* e *Yeshua*. Diferentemente de outras comunidades latino-americanas, em que o prenome *Jesus* (/Re'sus/) é bastante comum, no Brasil poderíamos considerar que há um certo nível de tabuísmo, pois se comparado aos prenomes cristãos analisados acima, o número de 35.774 ocorrências de *Jesus* é muito reduzido,

representando apenas o 701º prenome em popularidade no país. Por sua vez, se *Jesus* é a figura sagrada central do catolicismo (e de todas as religiões cristãs), no judaísmo sua compreensão como uma manifestação terrena da substância divina está interdita, bem como a sua condição de messias e salvador; no judaísmo, Jesus é tido como um ser histórico radicalmente humano. Essa visão talvez justifique a quase ausência no prenome *Yeshua* (27) no Brasil, sendo todos os registros datados dos anos 2000 em diante, podendo ter relação com a comunidade judaica ou também, e mais provavelmente, com o avanço das religiões neopentecostais que por sua vez vêm impulsionando a retomada de nomes de origem hebraica/bíblica.

Depois de destacar a diferença de frequência de uso entre os prenomes de origem hebraica mais usuais no Brasil, considerando as suas feições, se cristã, se judaica, nos dedicamos a identificar, no corpus dos 600 nomes levantados no site *Behind the name*, aqueles prenomes que apontavam para um número significativo de ocorrências e o resultado é encontrado realçam os dez nomes que expomos na tabela abaixo:

Tabela 2 – Prenomes considerados de feição judaico-cristã

Prenome	Étimo	Registros no Brasil	Décadas de 1º registro e ápice
Rafael	Do hebr. Refa'el	821.638	-1930 / 1980
Daniel	Orig. hebraica ¹⁰	711.338	-1930 / 1990
Samuel	Do hebr. Xemuél	293.243	-1930 / 2000
Raquel /Rachel	Do hebr. Rachel	286.415 / 11.377	-1930 / 1980
Sara/ Sarah	Do hebr. Sarah	234.286/36.228	-1930 / 2000
Davi/ David	Do hebr. Dawid	255.976/174.957	-1930 / 2000
Jonas	Do hebr. Ionah	165.105	-1930 / 2000
Ester/ Esther	Origem hebraica mas controversa	100.378 /11.415	-1930 / 2000
Israel	Do hebr. Israel	94.325	-1930 / 1990
Rute / Ruth	Do hebr. Ruth	54.753 / 45.062	-1930 / 2000

Fonte: elaborado pelas autoras

Verificamos, em termos gerais, acerca desses prenomes, que todos apresentam os primeiros registros antes de 1930, segundo os dados do IBGE, não sendo ainda possível precisar em que século eles foram incorporados ao sistema onomástico brasileiro.

O prenome *Rafael* até 1970 somava pouco mais de 27 mil registros, porém há um boom em 1980 quando o número passa a mais de 260 mil registros. O anjo, ou arcanjo, Rafael é figura

¹⁰ Machado não indica a forma em hebraico.

que aparece no Antigo Testamento, no Livro de Tobias, que teria sido escrito em 200 a.C., embora esse texto não tenha sido integrado à Tanakh¹¹ (também conhecida como Bíblia Hebraica), sempre fez parte da literatura dessa comunidade, sendo estudado nas sinagogas.

O Livro de Daniel integra os livros do cânone israelita, sendo, portanto, também parte do Antigo Testamento. Esse livro narra a história do jovem príncipe judeu capturado pelos babilônios que acabou por se tornar uma figura proeminente devido às interpretações que teria feito de sonhos dos reis, seguindo orientações de seus Deus, Jeová. Para os cristãos Daniel teria sido um profeta, por sua vez, a visão judaica imprime a ele o caráter de figura histórica, um sábio e ilustre membro da comunidade judaica, exemplo de fidelidade às Leis. Desse modo, o prenome *Daniel* ressoará de forma diferente nas duas tradições. Em relação à sua difusão no Brasil, destacamos que até a década de 1970 havia pouco mais 78 mil registros, porém o prenome irá atingir seu ápice de popularidade em 1990, quando quase 200 mil pessoas serão registradas como *Daniel*.

Semelhante é o percurso do prenome *Samuel* em termos de popularidade, pois na década de 1970 podemos encontrar no máximo cerca de 20 mil, enquanto nos anos 2000 o número sobe para mais de 134 mil registros. Samuel é uma figura venerada como profeta tanto por judeus quanto por cristãos (e também por muçulmanos).

Já o prenome *Raquel*, presente tanto na tradição judaica quanto católica relacionado à figura do Livro de Gênesis, apresenta um percurso um pouco diferente em relação à temporalidade de sua frequência de uso, pois na década de 1950 os registros não chegavam a pouco mais de 8 mil, porém, seu ápice de popularidade será nos anos 1980, quando o número de registros passa a quase 85 mil, depois disso a popularidade do nome entra em queda. A

11 A Tanakh (ou Tanaque, Tanak, Tenakh, Tenak, Tanach, Tanac) é a coleção canônica dos textos israelitas, que é a fonte do cânone do Antigo Testamento Cristão. Há porém distinções importantes, a Tanakh é chamada pelos católicos e protestantes, ou evangélicos, de Velho Testamento, ou Antigo Testamento, sendo que o Antigo Testamento dos católicos contém também, além dos livros do Tanakh, mais sete livros, que são livros apócrifos, que eles chamam de “deuterocanônicos”, e contém também adições ao livro de Ester e adições ao livro de Daniel.

variante *Rachel* fará o mesmo movimento, tendo apenas 804 registros na década de 1950, passando a subir e atingindo seu ápice na década de 1980, com 3.437 pessoas assim denominadas.

As variantes *Sara* e *Sarah* também vão sofrer um incremento significativo no intervalo que vai da década de 1970 aos anos 2000. Em relação a *Sara* temos um número 12 mil registros na década de 1970 que passa a mais de 116 mil. No caso de *Sarah*, expressão gráfica mais conformada à etimológica, temos um número de 820 registros em 1970 que aumenta para mais de 20 mil na década de 2000. Também *Sarah*, assim como *Raquel*, é figura do Livro de Gênesis que aparece tanto na Bíblia católica quanto na Bíblia hebraica.

O rei *Davi* é figura histórica e bíblica que aparece nos Livros de Samuel (I e II), inclusos nas versões católica e hebraica. O prenome que tem sua origem no hebraico *Dawid*, apresenta no português brasileiro, ao menos, duas variantes: 1) *Davi*, que até 1970 apresentava cerca de 17 mil registros, alcança seu ápice de popularidade nos anos 2000, com pouco mais 139 mil pessoas assim nomeadas; 2) *David*, que até 1970 não chegava a 9 mil registros, mas que também atinge seu ápice na década de 2000, tendo seus números aumentados para quase 65 mil.

A figura de *Jonas* é bastante conhecida nas tradições judaica e cristã, sobretudo pela memorável passagem em que é engolido por um peixe grande (baleia?) e passa 3 dias e três noites dentro do animal até decidir seguir os desígnios de Deus. No Brasil, o prenome *Jonas* apresenta, em 1970, um número aproximado de 19 mil registros, porém esse número mais que dobra em 1990, chegando a quase 50 mil. Vale destacar que *Ionah*, que seria a forma etimológica de *Jonas*, só aparece em 25 registros no Brasil, mas todas relacionadas ao gênero feminino – houve no Brasil uma atriz denominada *Yoná Magalhães* que fez muito sucesso na década de 1970, década do ápice de popularidade do prenome *Ioná* (1.777).

O Livro de Ester, que integra tanto a Bíblia católica quanto a hebraica, leva o nome da rainha judia e foi, provavelmente, escrito por Esdras. A história narrada ocorreu numa época

em que muitos judeus estavam na Pérsia (aproximadamente 460–430 a. C.) e conta como as ações de Ester teriam salvado os judeus persas da perseguição e morte. As comunidades judaicas ao redor do mundo ainda comemoram os feitos da rainha Ester com um feriado chamado *Purim*. Há duas principais variantes: *Ester* e *Esther*. A primeira variante apresenta quase oito mil na década de 1970 e cerca de 53 mil nos anos 2000. A variante *Esther* 1970, também, irá sofrer um incremento na frequência de usos, passando de 405 registros nos anos 70, para 5.616, na década de 2000.

O prenome *Israel* é um caso particular. Embora apresente os seus primeiros registros no Brasil antes de 1930 (apenas 409 ocorrências), nas décadas subsequentes, o crescimento do uso vai seguindo o movimento de, praticamente, duplicar a cada década até 1980 (1930-1.257; 1940-2.910; 1950-5.722; 1960-10.251; 1970-12.801; 1980-20.103); já em 1990, há um baixo crescimento de popularidade, com apenas 23.155 registros, pouco mais de três mil em relação à década anterior e, por fim, na década de 2000, a popularidade começa a decair, com o registros de 17.717 indivíduos com esse prenome no país. A questão política envolvendo o Estado de Israel e a visão dos brasileiros sobre esse debate pode ser equacionada nesses números, mas certamente não é apenas sob esse viés que esse prenome é avaliado no Brasil. Cada prenome carrega consigo uma história particular e estudos mais aprofundados poderão ser desenvolvidos.

O Livro de Rute é um dos livros da terceira divisão da Bíblia hebraica e, na Bíblia cristã, é o oitavo livro do Antigo Testamento, sendo considerado como um dos livros históricos. No português brasileiro há, pelo menos, duas variantes do prenome relacionadas a essa figura bíblica: *Rute* e *Ruth*. No caso de *Rute*, temos um prenome com primeiros registros de antes de 1930 e com ápice de popularidade na década de 1960. Percurso muito similar ao da forma etimológica, *Ruth*. A diferença se dará após a década de 1960, em que *Rute* mantém quase o mesmo nível de popularidade, com variação de mil registros para menos, enquanto *Ruth* tem

uma queda mais acentuada nas décadas seguintes, com variações de registros na casa dos dois mil para menos.

Fazendo considerações gerais, um fenômeno a se destacar é que quase todos esses nomes (excetuando-se *Raquel*, *Israel* e *Rute/Ruth*) apresentam uma popularidade significativamente baixa até a década de 1970, que, por sua vez, começa a aumentar na década seguinte e que, geralmente, encontram seu ápice de número de registros nos anos 2000. Muito embora sejam nomes ligados tanto à tradição judaica quanto à tradição cristã, não há indícios claros de que esse incremento no uso tenha alguma relação direta com o aumento do número de judeus no Brasil. Ao nosso ver, é mais provável que os registros desses prenomes tenham aumentado devido à difusão cada vez mais acentuada das igrejas neopentecostais e à adesão da população brasileira a seus cânones e dogmas.

Por sua vez, o combate aos preconceitos de toda a natureza e, sobretudo a defesa cada vez mais contundente da liberdade religiosa, pode sim ter favorecido um fortalecimento identitário entre membros da comunidade judaica, fazendo com que seja também através desse movimento que os prenomes dessa tradição estejam ganhando maior popularidade no século XXI. Pesquisas sobre dados demográficos e de registro civil dessa comunidade em específico poderão elucidar melhor essas questões.

Vale observar também que quando há variantes gráficas (*Davi / David; Raquel/ Rachel; Rute / Ruth Sara / Sarah;*), é a variante mais latinizada/cristianizada que vai ser mais frequente no país, sendo as formas mais próximas à grafia etimológica aquelas que em tese teriam maior vínculo com a comunidade judaica e que, por seu turno, têm se revelado menos frequentes.

Assim, o que podemos observar desses dados é que embora muitos desses prenomes possam fazer parte da onomástica tradicional judaica, todos estão também integrados à tradição cristã e é, provavelmente, por esse viés que eles assumem o grau de popularidade que encontram no Brasil.

Por fim, trazemos na tabela a seguir, prenomes levantados nos dados do corpus e que compreendem um conjunto de 27 prenomes, considerados muito identificados com a tradição judaica, a fim de observar, a partir dos dados do censo de 2010 do IBGE, quando e como eles se inserem no cenário onomástico personativo dos brasileiros.

Tabela 3 – Prenomes considerados de feição judaica

Prenome	Étimo	Registros no Brasil	Décadas de 1º registros e ápice
Natan / Nathan	Do hebr. Nathan	57.981 / 17.328	-1930-2000
Levi	Do hebr. Levi	35.520	-1930-2000
Isaac	Do hebr. Itshak	27.100	-1930-2000
Eliezer	Do hebr. Eliezer	19.615	-1930-1980
Saul	Do hebr. Xaul	5.528	-1930-1980
Uriel	Do hebr. Uriel	3.801	1930-2000
Jacob	Prov. Do hebr. Jakob'el	3.761	-1930/1950
Amós	Orig. obsc. mas cert. hebr.	3.651	1930-1990
Hadassa/Hadasa/ Hadassah	Do hebr. Hadassah	3.223/ 112/ 84	1970-2000
Gideon	Do hebr. Gid'on	2.274	1930-1980
Efraim/ Ephraim	Do hebr. Ephraim	2.072 / 33	1930-2000
Aaron / Aharon	Do hebr. Aaron	685 / 60	1980-2000
Naftali	Do hebr. Naphtali	620	1970-2000
Asaf	Do hebr. Asaf	343	1990-2000
Mikhael	Do hebr. Michael	323	1980-2000
Abraham/ Avraham	Do hebr. Abram ou Abraham	237/27	1930-2000
Avner	Do hebr. Abner	191	1980-2000
Gavriel	Do hebr. Gavriel	130	1990-2000
Yael	Do hebr. Iael	101	1990-2000
Reuben	Do hebr. Rauven	100	1980-1980
Moshe	Do hebr. Moxeh	70	2000-2000
Shalom	Do hebr. Shalom	68	1980 -1980
Ezra	Origem hebr. obscura	47	-
Yonatan	Do hebr. Iehonathan	47	-
Devora	Do hebr. Debhoráh (D'vorah)	44	-
Mordecai	Do hebr. Mordekhay	29	-
Shlomo	Do hebr. Shlomô	29	-

Fonte: elaborado pelas autoras

Nessa tabela, podemos observar que existem dois grupos a serem destacados, considerando, fundamentalmente, a frequência de uso.

Em primeiro lugar, destacam-se os 11 primeiros prenomes, que possuem em comum um grau maior de difusão, tendo registros acima de 2 mil ocorrências, estando presentes em todas as unidades federativas do Brasil.

Outro fator de unidade desse grupo é datação recuada de seus primeiros registros, a maioria data de antes de 1930, não sendo possível, portanto, especificar a data de entrada na

antroponímia brasileira. Destacam-se, quanto a datação dos primeiros registros, *Efraim*, *Gideon* e *Uriel*, com as primeiras ocorrências localizadas em 1930 e *Hadassa* que tem 37 registros na década de 1970, 163 na década seguinte, 651 na década de 1990 e explode nos anos 2000, com 2.364 registros, sendo também dessa última década os registros das variantes *Hadassah* (84) e *Hadasa* (112).

Desse modo, acerca desse primeiro grupo de prenomes de feição judaica, podemos inferir que, excetuando-se o caso de *Hadassa*, a difusão no território brasileiro está intimamente relacionada à antiguidade dos usos, sendo prenomes que já estavam incorporados à antroponímia nacional desde antes de 1930.

Estabelecer uma relação desses prenomes com a comunidade judaica migrante é mais factível, contudo, não possuímos dados que nos façam assegurar que seja esse o caminho da incorporação desses elementos à onomástica personativa do português brasileiro, e aprofundamentos da pesquisa poderão dar maior fiabilidade a essa hipótese.

O segundo grupo refere-se ao conjunto de 16 prenomes que possuem um número de registros abaixo de mil, sendo *Aaron* aquele com maior frequência de uso, com 685 registros, chegando a *Mordecai* e *Shlomo*, aqueles com menor frequência, apenas 29 registros.

Esses prenomes, assim como aqueles do primeiro grupo, têm em comum a datação dos primeiros registros, todos são posteriores à década de 1970, sendo a maioria registrados primeiramente, no Brasil, na década de 1980.

Novamente podemos estabelecer uma relação entre a datação e a frequência de uso, os prenomes com um surgimento mais recente na antroponímia brasileira ainda não foram capazes de atingir todas as unidades da federação, por exemplo, *Naftali* (620) não apresenta ocorrência em nenhum dos estados do sul do país. Nessa interrelação entre datação e número de registros, destaca-se, como exceção, o caso de *Abraham* (237) / *Avraham* (27) que embora tenha um número muito baixo de registros, apontam para uma primeira datação em 1930.

Em relação a esse segundo grupo, aventamos a possibilidade de que sua difusão, embora possa ter contribuição das comunidades judaicas no país, esteja mais relacionada à expansão dos adeptos às religiões neopentecostais, os chamados evangélicos. Essa comunidade vem, com muita intensidade, recorrendo aos textos bíblicos para a escolha de prenomes de sua prole. Essa escolha se relaciona não só a uma forma de declaração de filiação à tradição religiosa, mas também a uma opção pautada pela significação que atribuem aos prenomes a partir das informações (não necessariamente etimológicas) dadas pelos próprios textos religiosos.

Considerações finais

Para concluir, é preciso que se diga que esse estudo é apenas um primeiro passo na tentativa de entender como se dá a inserção da antroponímia judaica no Brasil.

É importante lembrar que os dados coletados no site *Behind the name* incluíam 600 prenomes ligados à tradição judaica e que desse número apenas 224 encontram registros no Brasil. Desse ponto já se observa uma obstaculização ou uma subutilização da antroponímia judaica no Brasil, como se pode inferir acerca da baixa frequência de prenomes com essa feição em dados censitários do Brasil.

Quando olhamos para os dados selecionados, observamos que prenomes divergentes, ou seja, que se originam de uma mesma raiz hebraica, possuem significativa variação no número de registros, sendo aqueles filiados à tradição católica muito mais difundidos no Brasil, enquanto aqueles que têm a forma mais próxima da etimológica, estão mais ligados à tradição judaica e encontram-se parcamente representados em termos numéricos na antroponímia nacional.

Por fim, vale destacar que há o relevante papel dos movimentos religiosos que ascenderam de forma mais evidente após da década de 1970 no Brasil. É através da crescente adesão às igrejas evangélicas que a população brasileira tem oferecido incrementos ao sistema

antroponímico nacional, são, em suma, prenomes de origem hebraica retirados de textos bíblicos.

Recebido em 31/07/2023

Aceito em 04/09/2023

Publicado em 26/09/2023

Referências

Alvim, Zuleika. (1989) Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. in Sevcenko, Nicolau (ed.), *História da vida privada no Brasil*, vol. 3, São Paulo, Companhia das Letras.

Amaral, E.T.R.; Seide, M.S. (2020) *Nomes Próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo, Blucher.

Bassanezi, M. S. C. B. (2013) *Crianças a caminho*. Imigrantes e filhas de imigrantes nas terras paulistas. *Conhecimento histórico e Diálogo social - Anpuh, Natal*,. 1-17.

Blay, Eva Alterman. (2009) Gênero, resistência e identidade Imigrantes judeus no Brasil. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 21, n. 2., 235-258

Decol, René Daniel. (2001) Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n; 46, 147-160

Engelman, Uriah Z. (1961) Sources of Jewish statistics”, in Finkelstein. Louis (ed.), *The jews, their history, culture and religion*, vol. 2, Londres, Peter Owe.

Grim, Mônica. (1993) Etnicidade e Cultura Política No Brasil: O caso dos imigrantes judeus do Leste Europeu. In: *Anais do XVII Encontro Nacional da Anpocs*, Caxambú 22-25 de outubro de 1993/ "ST: Os Imigrantes e a Política".

Guérios, Rosário Farani Mansur. (1973) *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 2 ed. São Paulo: Ave Maria.

Klein, Herbert S. (1989) A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil no fim do século XIX e no século XX. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 6, 2., 17-37.

Lesser, Jeffrey. (1995) *O Brasil e a questão judaica*. Rio de Janeiro, Imago.

Losch, Richard R. (2017) *Todos os Personagens da Bíblia de A à Z*. São Paulo, Templus.

Mercer, J. L. V.; Nadalin, S. O. (2008) Um patrimônio étnico: os prenomes de batismo. *Topoi*, Rio de Janeiro, 9, n. 17, jul/dez., 12-21.

Machado, José Pedro. (2003) *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Horizonte/Confluência,

Moraes, Elias Soares de. (2010) *Dicionário Etimológico de Nomes Bíblicos*. São Paulo, Shalom.

Moya, Jose C. (1998) *Cousins and strangers — Spanish immigrants in Buenos Aires, 1850-1930*. Berkeley/Londres/Los Angeles, University of California Press.

Nascentes, Antenor.(1952) *Dicionário etimológico da língua portuguesa: nomes próprios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Patarra, N. L.; Fernandes, D. (2011) Brasil, país de imigração? *Revista Internacional de língua portuguesa – Migrações*, Lisboa, 24, 65-96.

Patarra, Neide Lopes (org). (1996) *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo, FNUAP/Nesur/NEPO.

Seide, M. S. (2013) Motivações contemporâneas para a escolha do antropônimo. *Entreletras*, Araguaína, 4, n. 2, ago/dez 2013a. 90-101.

Simões Neto, N. A.; Soledade, J. (2021) *Nomes Próprios: abordagens linguísticas*. Salvador: EDUFBA, v. 1.

Sorj, Bila. (1997) Conversões e casamentos ‘mistos’: a produção de ‘novos judeus’ no Brasil. in Bila Sorj (ed.), *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*, Rio de Janeiro, Imago.

Udolph, Jurgen. Onomastik: namen und namensbedeutung. Disponível em http://www.onomastik.com/namenberatung_leipzig.php. Acessado em 06.7.2023